

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. o n.º	N.º a entrega	35.º Anno — XXXV Volume — N.º 1210	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	650	120	<b>10 de Agosto de 1912</b>	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem) .....	4\$000	2\$000				
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500				

## CRONICA OCCIDENTAL

Desde que o patriotismo nacional se eleva por ares e ventos nas azas de um almejado aeroplano, parece que nenhum português, sob pena de ser tido por menos patriota, poderá negar o seu obulo á grande subscrição que se alarga por todo o país para a compra daqueles aparelhos voadores.

O momento é tanto mais oportuno, quando agora, por iniciativa do Aero Club de Portugal, é colocada, no Castelo de S. Jorge, uma lapide comemorativa do facto de Bartolomeu Lourenço de Gusmão, ter dali partido, na sua *Passarola*, como lhe chamaram ao tempo (1), em passeio aereo até o torreão oriental do Terreiro do Paço, ou antiga Casa da India.

Das versões existentes deste primeiro passeio aereo realizado por um português em machina de sua invenção, nos principios do seculo XVIII, setenta e quatro anos antes dos irmãos Montgolfiers, em França, tentarem o seu primeiro aerostato, no anno de 1783, uma dessas versões encontrou-a o erudito investigador sr. Brito Rebelo, em um manuscrito de fr. Lucas Pinheiro, que resa assim:

«Suposto como certo infalível, que o Author achando o segredo do gaz, o havia de encobrir até estar certo da felicidade de suas operações, e de alcançar os premios que pretendia, devemos confessar que era justo o encobrisse fingindo que o ascenso da Machina procedia de outros principios atractivos, com que o

vulgo se enganasse. E assim não obstante que diga que dentro dos globos hia o Magnete, cuja virtude fazia subir a Machina, ou barca, comtudo sua elevação não podia proceder da virtude atractiva, mas sim da expansão e força do gaz, a que o Author chama segredo que hia dentro dos globos — ou talvez no velame. O certo he, que o Author era curiosissimo na composição de fogo do ar, e que esta Machina foi experimentada, e lançada da Praça de Armas do Castello, e que

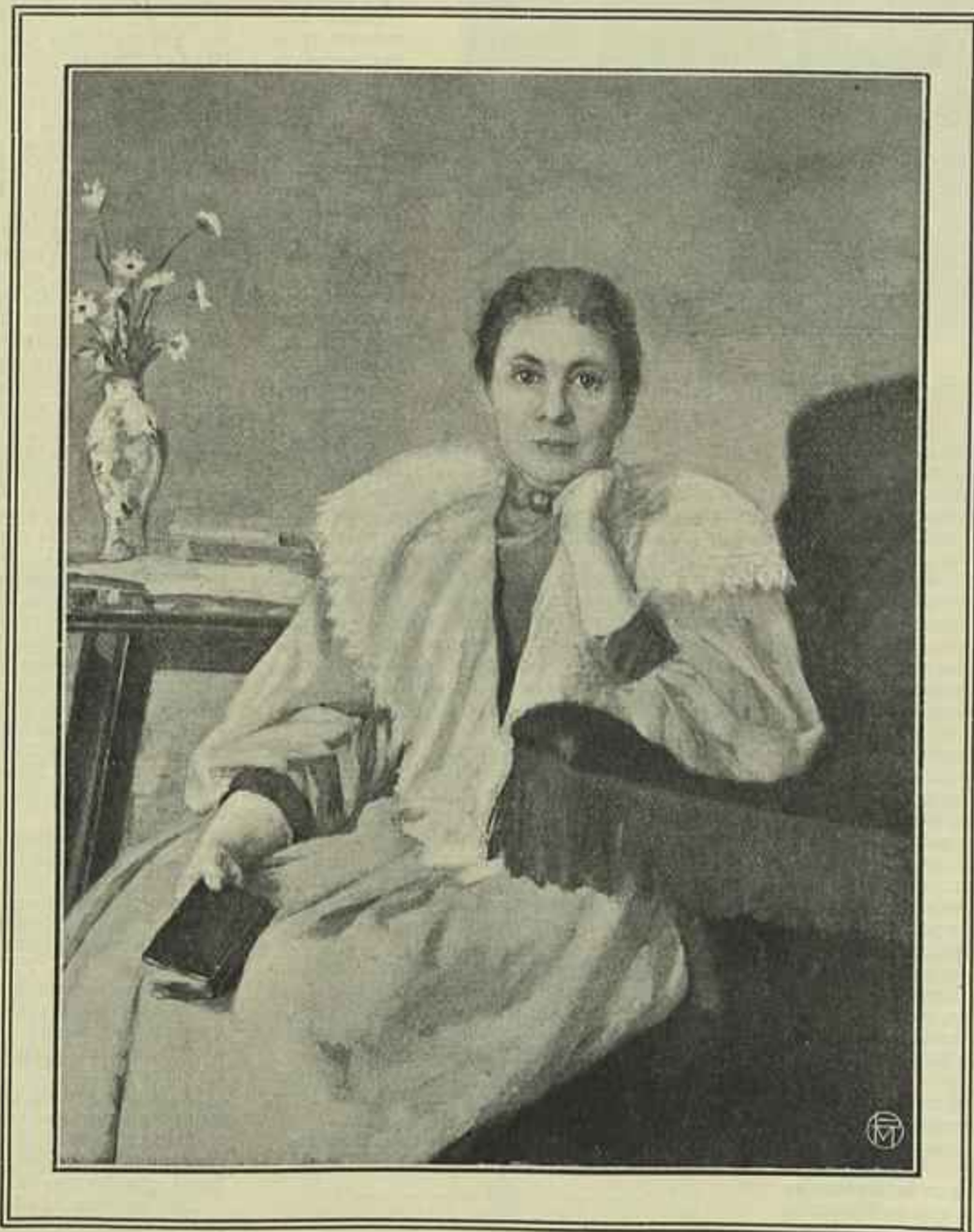
veiu cahir no Torrião da parte occidental da Praça, que então era Terreiro do Paço, e o Torrião Casa da India, e hoje he Praça do Comercio e o Torrião está por concluir, e disto havia muitas testemunhas que alcançarão os meus dias. O fim desastrado do Author foi causa de Portugal não ter a gloria desta descoberta.» — Pinheiro (1).

Não obstante o padre Bartolomeu de Gusmão ser acusado de feiticeiro, de ter pacto com o diabo e, por uma unha negra, escapar de acabar com os ossos na Inquisição, por estes e outros inventos, em que foi fertil, é certo que ele teve a prioridade na navegação aerea, com a sua machina que, de resto bem se póde considerar mais um aeroplano do que um balão dirigivel, do qual nem sequer tem a fórma. Parece até que o proposito de Bartolomeu de Gusmão era fazer um aeroplano, pois que a sua machina, em fórma de passaro e com movimento para se alar nos ares, bem o demonstra, estabelecendo o principio a que hoje obedece aquelle aparelho voador.

Acaso o padre Bartolomeu Lourenço teria algum conhecimento da machina de voar projectada pelo celebre pintor da Renascença Leonardo Vinci, ou se encontraria a sua ideia com a deste enciclopedico artista?

Mas não se perca tempo e espaço em locubrações, quando é certo que um português foi o primeiro que realisou uma viagem aerea, de que ha conhecimento.

Ora por esta razão e por todas as mais que se queiram aduzir, a cronica está de acordo em que Portugal tenha uma esquadilha de aeroplanos, com a pequena diferença de primeiro ter um bom



D. MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO, ADMITIDA SOCIA DA ACADEMIA DAS SCIENCIAS DE LISBOA.

(Do Quadro de Velloso Salgado)

(1) A paginas 109 do vol. VI do OCCIDENTE vem publicado um desenho deste aparelho, fac-simile de uma gravura publicada em 1774.

(1) Vol. VI do OCCIDENTE, pag. 183.

exercito e uma boa armada, ficando assim á altura competente.

Mas que fazer se este povo meridional se deixa facilmente seduzir pelas primeira impressões, sem medir bem o alcance das coisas e serenamente lhes fazer a critica.

Uma esquadilha de aeroplanos demanda de pilotos ou aviadores para a manobrar; para haver esses aviadores é preciso escola onde se instrua e industriem, e se não falta quem a esse estudo queira dedicar-se, falta a escola com os respeitáveis professores, que será preciso mandar vir de fóra, como terão de vir os aeroplanos.

Para estes aparelhos é preciso campos vastos, junto ás escolas, preparados para os exercicios, ou telheiros para aqueles se arrecadarem, emfim, um arsenal onde se concertem estes aparelhos tão faceis de escangalhar e onde se possam até fazer, o que não oferece dificuldades.

A França conta já mais de mil aviadores militares e mantem cincoenta escolas de aviação, sendo dez de primeira classe com arsenaes adjuntos, onde, em caso de precisão, se pôdem fabricar vinte aeroplanos por dia.

Mas se o aeroplano applicado á guerra pôde tor-

Mas o sonho mais recente do português é voar pelos ares nas azas de um aeroplano, e para isso sempre chegará a subscrição nacional, que bem puxadinha dará para mais de uma dessas maquinas pouco exigentes, apesar de, por sua causa, só restar á cronica um palminho de papel em branco para se referir a um caso de certa sensação em Lisboa, que fez vibrar os arames da chancelaria da rua de S. Francisco de Borja, para o ministerio dos estrangeiros, sobre a prisão de uma supposta conspiradora inglesa.

Escusado é dizer que, tratando-se de conspiradores, trata-se de Portugal onde parece, neste momento, só aqui germinam como cogumelos, e por isso a conspiradora inglesa não conspirava sob as brumas da nevoenta Londres, mas sob a luz rútila deste país de sol.

Tratava-se de Miss Alice Lawrence Oram, uma subdita de Sua Magestade Britanica, nascida em Lisboa de paes ingleses mas que a registraram como inglesa aos quatro mezes.

Miss Lawrence é muito conhecida na sociedade lisbonense, que a distingue com as suas melhores atenções, como é conhecida no jornalismo, onde ocupa o lugar de correspondente, em Lisboa, do

*Daily Mail*, de Londres.

Esta circumstancia fez da prisão de Miss Lawrence Oram o acontecimento da semana, dando que pensar a todos como a Miss conspirava contra o regimen. Entretanto a presa principiava uma peregrinação de sua casa para o Aljube, do Aljube para casa, donde voltava outra vez para o Aljube, sem se saber ao certo em que se ficava, até que foi levada á presença do sr. general Chaves Aguiar e sr.

major Pires Leitão que lhe notificou a acusação, cuja sumula é, de que em casa de Miss Lawrence se realisavam reuniões politicas. Essa acusação era feita por uns taes Cruz, preso ao presente no Limoeiro por ladrão e Sant'Anna, que fez parte dos couceiristas e que se acha agora em Lisboa.

Taes acusadores não podiam deixar de dar bota, acabando por declarar, em sua palavra honrada, que Miss Lawrence não era conspiradora. Respirou-se emfim. Miss Lawrence estava ilibada e para não tornar a haver equívocos com as reuniões em sua casa, partiu sem mais demora para o estrangeiro a gosar uma licença que já tinha do *Daily Mail*.

Miss Lawrence poderá ainda consolar-se de ser mais feliz que uma illustre neta de Vasco da Gama, que lhe fez companhia no Aljube, e que lá ficou á espera do que lhe estará reservado.

A sr.<sup>a</sup> D. Constança Telles da Gama, descendente do descobridor da India, é acusada de socorrer os presos politicos, com que afinal não faz mais do que honrar as cinzas dos seus antepassados e praticar a caridade, que não tem politica.

De resto não transpira por ora mais nada sobre o caso, o que faz prever se chegará á mesma conclusão do caso de Miss Lawrence.

Simplemente mais um bocadinho de demora e de paciencia tambem, porque os instrutores de processos sujeitos á jurisdicção militar, não teem mãos a medir com tantos pseudos conspiradores.

CAETANO ALBERTO.

## D. Maria Amalia Vaz de Carvalho

Registramos com prazer a entrada desta illustre escritora portuguesa, no seio da Academia das Sciencias de Lisboa, na mesma occasião em que igual honra era concedida a outra distinctissima escritora sr.<sup>a</sup> D. Carolina Micaelis de Vasconcelos, a que esta revista se referiu no seu n.<sup>o</sup> 1205, prestando-lhe a devida homenagem.

Egual homenagem vimos hoje prestar á sr.<sup>a</sup> D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, em quem sobram motivos para esta modestissima, mas devida consagração, aquella que é possível prestar-se-lhe nestas paginas, que mais de uma vez a illustre escritora tem honrado com a sua colaboração.

E ha que tempo isso vae, quando a sr.<sup>a</sup> D. Maria Amalia foi dos primeiros colaboradores do OCCIDENTE, onde tambem o glorioso e malogrado poeta Gonçalves Crespo, seu marido, colaborava com os primores de seu engenho poetico, entre outras, a bela produção, *A resposta do Inquisidor*.

D. Maria Amalia publicava então no OCCIDENTE *Os ultimos amores de Goethe*, admiravel trabalho literario, de rara distincção, belo estudo do grande poeta germanico, em que se interessou a escritora, conseguindo interessar tambem o leitor.

Não era este, porém, seu primeiro trabalho literario; esse iniciara-o com as *Cartas a uma noiva* e as celebres *Cronicas de Valentina*, quando ainda solteira.

Nascera num meio literario. A casa de seu pae, José Vaz de Carvalho, em Pinteus, nos suburbios de Lisboa, era ponto de reunião de alguns poetas e escritores dos mais reputados daquele tempo; no seu convívio intelectual se criou e educou D. Maria Amalia que viria a ser gloria das letras portuguezas, a primorosa poetisa que se afirmava no seu poema, *Uma primavera de mulher*, precedido de um prologo de Tomaz Ribeiro.

Mui poucas eram então as mulheres portuguezas que cultivavam a literatura; duas outras, que nos lembrem, D. Maria José da Silva Canuto, professora primaria, D. Guiomar Torreção e D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, que levava vantagem ás suas colegas, como mais profunda em seus estudos e mais primorosa na fórma.

Alma de poeta, de outro poeta se enamorou a quem deu a mão de esposa, consorciando-se em 1874 com Gonçalves Crespo, seu poeta predileto, desde que este, em 1870, ainda estudante da Universidade, publicara seu primeiro livro de versos, *Miniaturas*, em que não só revelava a delicadeza do seu genio de artista, como a pureza da sua alma de poeta.

Dois entes que se compreenderam e amaram para viverem a grande vida do espirito, na comunidade de ideias e de sentimentos.

Gonçalves Crespo escrevendo os seus *Nocturnos*, esse primor da poesia portugueza; D. Maria Amalia as suas *Vozes no ermo*, outra delicada obra poetica, a que se seguiram produções da mesma autora, como, *Serões no Campo*, *Arabescos*, *Contos e fantasias*, *Cartas a Luíza*, *Mulheres e creanças*, *Alguns homens do meu tempo*, *A marquês de Alorna*, *A arte de viver na sociedade*; além de varias traducções, *O noivo da menina*, *Heroismo do clero*, *Rafael*, *O pescador de Islandia*, *Aventuras de um polaco*, etc.

Com Gonçalves Crespo escreveu o livro, *Contos para nossos filhos*, que foi aprovado pelo Conselho Superior de Instrução Publica para uso das escolas.

Mais recentemente escreveu um livro de importancia historica e consciencioso estudo, em tres volumes, sobre o Duque de Palmella, que é ao mesmo tempo primorosa obra de literatura.

Entre as escritoras portuguezas nenhuma outra conta mais importante e valiosa bagagem literaria.

O parecer apresentado á Academia pelo seu socio e primoroso escritor sr. dr. Teixeira de Queiroz, faz inteira justiça aos meritos da sr.<sup>a</sup> D. Maria Amalia, apreciando devidamente o valor da sua obra.

D. Maria Amalia tem vivido retirada, no seu gabinete de estudo, entregue aos seus livros, num trabalho serio, consciencioso, completamente despreocupada do reclamo facil, que se desfaz como fumo, quando não derivado no merito real.

Esse reclamo não lhe faz falta á sua obra, que por si se impõe, e tanto que éla lhe abriu as portas da Academia, para ali ocupar o lugar que lhe compete, desde que a douta corporação resolveu pôr de parte os preconceitos de sexo, para só atender e apreciar o talento onde éle existir.



MISS ALICE LAWRENCE ORAM Á JANELA DE GRADES DO ALJUBE

nar-se um instrumento de destruição de incalculavel alcance, esta qualidade só serve de estímulo para se lhe oporem outras maquinas de guerra que anulem a sua poderosa acção.

De facto, já o ano passado, na America, se faziam experiencias com um canhão, de invento do almirante Twining, para expedir tiros de alcance de tres milhas na vertical, experiencias que deram bom resultado. *Le monde marche* e não faltam sabios a estudar o modo de vencer a terrivel arma de guerra, havendo já depois das experiencias do canhão de Twining, outras para o mesmo fim, não devendo causar surpresa o dia em que se souber que definitivamente o aeroplano esteja condenado, como instrumento de guerra, ficando limitado a vehiculo de passeio aereo, só com o insignificante perigo de se precipitar das alturas, custando a vida de alguns aviadores.

Sem que isto seja caso para arrefecer o entusiasmo nacional na aquisição de aeroplanos, sempre é bom ponderar, que é muito mais razoavel fazer derivar esse entusiasmo para a aquisição de bons navios de guerra de que o país precisa primeiro do que tudo, como de pão para a-bôca.

Sim, uma boa marinha de guerra e um bem instruido e armado exercito, é, por enquanto o que de mais solido se conhece, sobre meios de defeza. Os aeroplanos são accessorios, cuja falta não é sensivel, enquanto não fôrem completamente dispensaveis.

Nestes casos tratar de adquirir aeroplanos de preferencia a navios e a armamentos, é tudo que ha de mais sonhador em imaginações de meridionaes.

De resto vê-se que aeroplanos facilmente se obteem dada a facilidade com que se fabricam, e com a mesma facilidade se criam aviadores, pois sabe-se que nas respetivas escolas de França, uma semana de aprendizagem basta para os habilitar. O resto é destreza e coragem em que, felizmente, os portuguezes não são pécios.

Entre surdos mudos (por gestos, é claro).

— Gostava imenso de ser deputado.

— Para quê?

— Para ter a palavra.

Em alguma coisa haverá progresso na patria de Camões, pouco compensadora do verdadeiro talento, como o seu grande epico o testemunha.

Se nestes tempos de mercantilismo sobre tudo, os que vivem das letras, por isso mesmo, continuam sem as compensações materiaes do seu trabalho, que ao menos não se lhe neguem as compensações moraes, como justo premio de consolidação ao verdadeiro merito.

A distincção agora conferida á illustre poetisa e escritora tem o valor do que se não compra, porque só se dá a quem o merece.

Que esse valor se conserve como o ouro de melhor quilate, não venham rivalidades, invejas, depreciar-o com liga de grosseiros metaes, que o desvalorisem e reduzam a trivial banalidade.

C. A.



## Republica e Natureza

Acabei, agora mesmo, de identificar-me, psychica e realmente, com o ideal nobilissimo de liberdade, em quadro deslumbrante da vida inexotavel, — a Natureza!

A natureza, d'este bello paiz, de solo privilegiado, em que surgem aspectos de grandiosidade phantastica, em atmosphera de sol irrealisavel!

De Còja, no Alva, sereno e limpido, a sonhar talvez, no fundo de vales e aosopé de montanhas, transportado em carro a que eram atrelados trez muares, atravessei no espaço de nove horas, das 5 1/2 ás 14 1/2, o Barril, Lonrosa, Venda da Esperança, Gallizes, Vila Pouca, Avó e Vila Cova, havendo, na passagem por Venda da Esperança dado um salto ao logarejo de Ballocas e feito uma curta ascensão ao outeiro denominado de Santa Cruz, que domina o mesmo logarejo e fixa o mais admiravel ponto de vista de quantos para mim registio em já 49 annos de existencia.

Eu fui, na ilha Graciosa, ao alto da Senhora da Ajuda, onde a immensidade oceanica se casa com a abobada immensa que, ás noites, offerece incendio de arrebatadoras lampadas; fui tambem, no Porto, a certo local dos jardins do Palacio de Crystal, de que se espreeja e admira inconfundivel panorama; no forte de Almada, o Tejo, o mar, a distancia curta, a propria villa e a capital defronte, a granitica e arabesca serra de Cintra, Palmela, ao longe, Barreiro, Seixal, etc., tudo isto, embriagando o olhar e delimitando horizontes; no Bussaco, de que a Historia faz scintillar a designação famosa por eternal gloria triumphante e de que o cume, cheio de poesia, permite o divisar de algumas d'essas areias fúlvias, denunciadoras das praias, fui, e em toda a parte me commoveu o objecto contemplado; mas, devo confessar que na linha visual de todas as posições indicadas, nenhuma, como a do desamparado outeiro de Bollocas, operou no meu sêr-tão de molde a impressionar-me o intimo, a mover-me, intensamente, a sentimentalidade!

E' que, a larga amplitude e a vasta continuidade quer de relevos, quer de casarias, a destacar de grinaldas de pinhaes cuja ramaria, acaso sobrepuja delicados velludos, n'um meio deveras magestoso, vigiado de perto pelo Caramúlo arrogante e pelo Herminio agigantado, entonteceme, fascina-me, empolgame!

Quizera, mesmo, ali, n'aquelle outeiro, abrigar, de vez, na materna entranha do laboratorio commum este corpo, esta animalidade que lhe pertence por inteiro!

Republica! e Natureza! — A liberdade e a vida, na terra de Camões e de Herculano!

Necessario e indispensavel é, que ensinemos as creanças do nosso amor, a venerar o berço, a patria heroica do passado, anterior a 1640, do presente e do futuro, a partir de 5 d'outubro de 1910!

Cumpra que desapareçam de entre nós, para sempre, as notas escuras que ainda contrastam com os esplendores da civilização hodierna e com as características primaciaes do legitimo progresso — Trabalho e Sciencia!

Importa, não só reprimir supurações como a revelada em Avó, adusta e imponente miragem de outras eras, mas tambem, principalmente, preparar a inexperiente mocidade para o abraço fraternal sincero, em que hajam de abortar sem recurso violento, os ensaios ou tentativas similares á de recente data, no assento natal de Brás de Mascarenhas, outróra famoso por mais de um titulo!

A'vante! esta voz sãa em consciencias sensatas e em cerebros illustrados, aqui, n'este scenario

solemne, a que falta um alegre silvo de locomotiva e uma fumarada graciosa, distribuida em penachos ondulantes!

Nas penhas d'estas seras, imbricadas no infinito do espaço e enegrecidas pelo travo do tempo, soletram-se as primeiras syllabas d'essa palavra que orientou portuguezes no inicio e arredondamento da nacionalidade, em Aljubarrota, em Montes-Claros, no Vimieiro, em toda a parte em que a autonomia perigava e tomava grande vulto a opressão ameaçadora, — Liberdade! Liberdade! que devemos a nós e a vindouros nossos, filhos d'este coração, de sangue ardente, que attingiu com Affonso d'Albuquerque a expressão typica e singularissima de um esforço consumado, em gentileza nunca excedida!

Liberdade! viva Portugal, de seculo em seculo, nos braços livres, de instituições de genuina consonancia com a prova generosa da Natureza, liberrima, e no affecto, uno, de seus cidadãos, emancipados até da lenda e do preconceito, que a roupeta da companhia de Jesus, celeberrima companhia de interesseirismos absorventes e de processos anti-naturaes, anti-humanos, alimentava, forjava e acrescia, com empenho caloroso, com fervor de entusiasmo!

Ora, quanto mais, no percurso que levei a effeito, o espectáculo, pleno e variegado, me seduzia e enlevava, tanto mais disposto eu me ia sentindo para clamar aos quatro ventos: Para traz, gente retrograda, gente insensata, gente sem escrupulos, o dia de hoje é asinho á Republica, o de amanhã, não o será, não poderá sê-lo ao fanatismo, ás meias phrases, a qualquer especie de tyrannia!

Republica e Natureza! Liberdade e Portugal! eis o conceito, eis o facto nitido e excellent!

Còja, 18-7.º 912.

D. FRANCISCO DE NOKONHA.



## PELO MUNDO FÓRA

### Notas d'um curioso

#### A MORTE DE MUTSU-HITO, IMPERADOR DO JAPÃO

Eis-nos em face d'um acontecimento que, se se tivesse dado ha pouco mais de vinte annos, teria certamente passado quasi despercebido na Europa. Mas hoje, que aquella grande nação do Pacifico, mercê das victoriosas guerras com a China e com a Russia, dois colossos, occupa um lugar de destaque no concerto internacional, sendo considerada uma potencia militar e naval, o passamento do seu imperador — o *mikado* — é objecto de extenso noticiario em todo o mundo e mórmemente no occidente europeu, para o qual o extraordinario desenvolvimento nipponico tem sido um verdadeiro assombro.

E nós, portuguezes, descendentes dos primeiros europeus que estabeleceram contacto com o *Dai-Nippon*; nós, que nos orgulhamos com os feitos de Fernão Mendes Pinto e de São Francisco Xavier, sentimos profundo enternecimento pela historia d'aquelle país maravilhoso, verdadeiramente phenomenal, testemunho vivo de quanto póde a vontade d'um povo, a cujos destinos presidem homens de elevada estatura intellectual e de raro tino administrativo.

O Japão moderno data de 1868, tendo d'então para cá soffrido uma transformação sem igual em todo o mundo. Naquelle época as suas instituições politicas, sociaes e militares eram identicas as dos estados europeus do seculo 13.º. De 1868 a 1889 os japoneses viveram seis seculos da nossa historia.

Em 1852, a 3 de novembro, nascia Mutsu-Hito. O Japão era um imperio feudal. O imperador, o *Mikado* (descendente dos deuses) vivia cercado d'um respeito religioso, sans auctoridade, invisivel no seu palacio de Kioto. Os ascendentes de Mutsu-Hito estavam desde o inicio do seculo 17.º privados do poder temporal e reduzidos á condição de reis phantasmias. A realidade do poder pertencia ao *Shogun*, generalissimo que tinha a sua capital em Yedo, constituindo verdadeira dynastia ao lado da dynastia imperial. Abaixo do *Shogun*, estava a aristocracia militar dos *Daimios* (grandes senhores), os vassallos do imperador, os ricos proprietarios. Cada um d'esses *Daimios* tinha os seus castellos e cavalleiros, os *Samourais* (guardas). Eram os nobres sem fortuna

que viviam d'uma pensão de seus senhores. Abaixo d'essa aristocracia de guerreiros, e subordinada a elles, vivia a massa do povo; commerciantes, operarios, camponeses.

Durou este regimen feudal até ao momento em que o Japão recebeu, como a China, a revelação brutal da força europeia.

O *Shogun*, representante da dynastia *Tokugawa*, que governara despoticamente a nação, impedindo com todo o rigór o acesso dos europeus a qualquer posto japonês, excepto para os holandeses que commerciam numa ilhota fronteira a Nagasaki, — teve que capitular perante a esquadra do commodoro americano Perry, que, apoiado pelos seus poderosos canhões, reclamou imperiosamente a abertura dos seus portos principaes e o reconhecimento de seus ministros plenipotenciarios.

As concessões feitas pelo governo shogunal aos estrangeiros foram causa d'uma crise interna muito grave, seguida de sangrenta guerra civil.

Entre os *Daimios* e os *Samourais* formaram-se dois partidos: uns, adversarios fanaticos dos estrangeiros e acimando de traição a assignatura de tratados com elles, tentaram arruinar o poder do *Shogun*, em proveito do imperador; os outros ficaram fieis ao *Shogun* que, para ter armas e navios de guerra, se aproximou ainda mais dos estrangeiros. Estes, por seu lado, para vingarem o assassinio de alguns europeus e um ataque á legação de Inglaterra (5 de julho de 1861), bombardearam e arruinaram em *Simonosaki* os fortes d'um dos *Daimios* que lhes eram mais hostis. Esta attitudie convenceu os imperialistas da superioridade militar dos estrangeiros, e levou-os a buscar o seu apoio: o imperador abriu-lhes novos portos. Pouco depois falleciam o *Shogun* e o imperador, subindo ao throno Mutsu-Hito, esse homem extraordinario que havia de fazer a grande transformação da sua patria. Começou por bater o novo *Shogun*, que teve de abdicar; depois transferiu a capital de *Kioto* para *Yedo*, que tomou o nome de *Tokio*, a capital de leste (junho de 1868).

O anno de 1868 foi, pois, para os japoneses o inicio d'uma era nova, a era do progresso, que consistiu em implantar no Japão as instituições administrativas, militares e politicas, as sciencias, as industrias europeias. Chamaram-se missões inglesas, allemãs e francêsas; officiaes, engenheiros, jurisconsultos, professores. Mandaram-se estudantes para a Europa; abriram-se escolas, collegios, universidades; redigiu-se um conjunto completo de codigos: civil, penal, de processo, etc. Em 1870, iniciou-se a construcção de caminhos de ferro, de linhas telegraphicas, arsenaes, esquadra, exercito, cujo recrutamento era assegurado pelo principio do serviço obrigatorio. Em 1889 o imperador promulgou uma *Constituição* (11 de fevereiro de 1889) que lhe reserva o poder executivo, mas estabelece o regimen representativo, delegando o legislativo em duas assembleias: uma *Camara dos pares*, com 366 membros, e uma *Camara dos representantes*, com 379 deputados, reunidas pela primeira vez em novembro de 1890.

As consequencias d'esta reorganização radical do velho Japão foram as victorias dos japoneses, primeiramente contra os chinses (1894) e depois contra os russos (1904 1905) e o estabelecimento da preponderancia japonesa no Extremo Oriente.

A restauração do mikado teve porém auxiliares nos principes Satsuma, Hizen, Choshu e Toza, que pertenciam a quatro tribus do sul, donde sahiram notaveis politicos que exerceram acção preponderante na evolução nipponica. D'entre elles, destacam-se Yto, Ynone, Yamagata, Yamada, Aoki, Saigo, Oyama, Kuroda, Matsukata, Kabayama, que formaram em torno do mikado um conselho privado, uma oligarchia, que auxiliou poderosamente o monarca nos seus rasgados empreendimentos, a saber: abertura dos portos de Kobe, Osaka, Nehigota e Yedo ao commercio europeu; abolição do regimen feudal (1871); reorganização do exercito e marinha e construcção de caminhos de ferro (1872); adopção do calendario gregoriano (1873); estabelecimento, em *Tokio*, d'uma *Bolsa* e d'uma *Camara de Commercio* (1878); promulgação do Codigo penal (1880) e reorganização completa da administração publica (1885).

Sem pôr de parte as suas curiosas tradições e continuando a cultivar a religião do buddhismo e do shintoismo que imprimiu á alma japonesa o cunho de originalidade affirmada nos recentes combates, o povo nipponico soube, como ninguém, transportar para a sua patria o que de melhor existia nas nações occidentaes, não procurando nunca assimilar os brancos, mas muito ao contrario, conservando-se sempre japoneses

nos usos e costumes, distrações, jogos, arte e religião, não obstante terem uma constituição calcada na monarchia prussiana; uma administração á franceza; um exercito do typo tambem francez, que Yamagata transformou, depois da guerra de 1870-1871, a que elle assistiu como addido japonês, adoptando o systema allemão, de tal modo que os soldados nipponicos seguem o regulamento litteralmente traduzido do exercito de Guilherme II; a sua marinha de guerra é organizada pelo systema inglés.

No dominio industrial e commercial nada tem a invejar ás nações occidentaes: mon-

japoneses estudam o mesmo que se estuda na Europa: as linguas, as mathematicas, um pouco de philosophia, muita chimica, physica, mechanica, balistica. Decretaram a instrucção primaria obrigatoria e, ao redor das grandes universidades á americana, os estudantes tem parques e os alumnos de agricultura tem explorações agricolas. Mas conservam suas casinhas pittorescas, as esteiras brancas, as almofadinhas sobre as quaes se ajoelham, as mesinhas de charão onde as criadinhas collocam, com o arroz nacional, as chavenas de chá, os peixinhos e os feijões. Os altos funcionarios tem aposentos



S. M. O NOVO IMPERADOR DO JAPÃO  
YOSHIHITO HARUNOMIGA



S. M. O IMPERADOR DO JAPÃO MUTSU-HITO

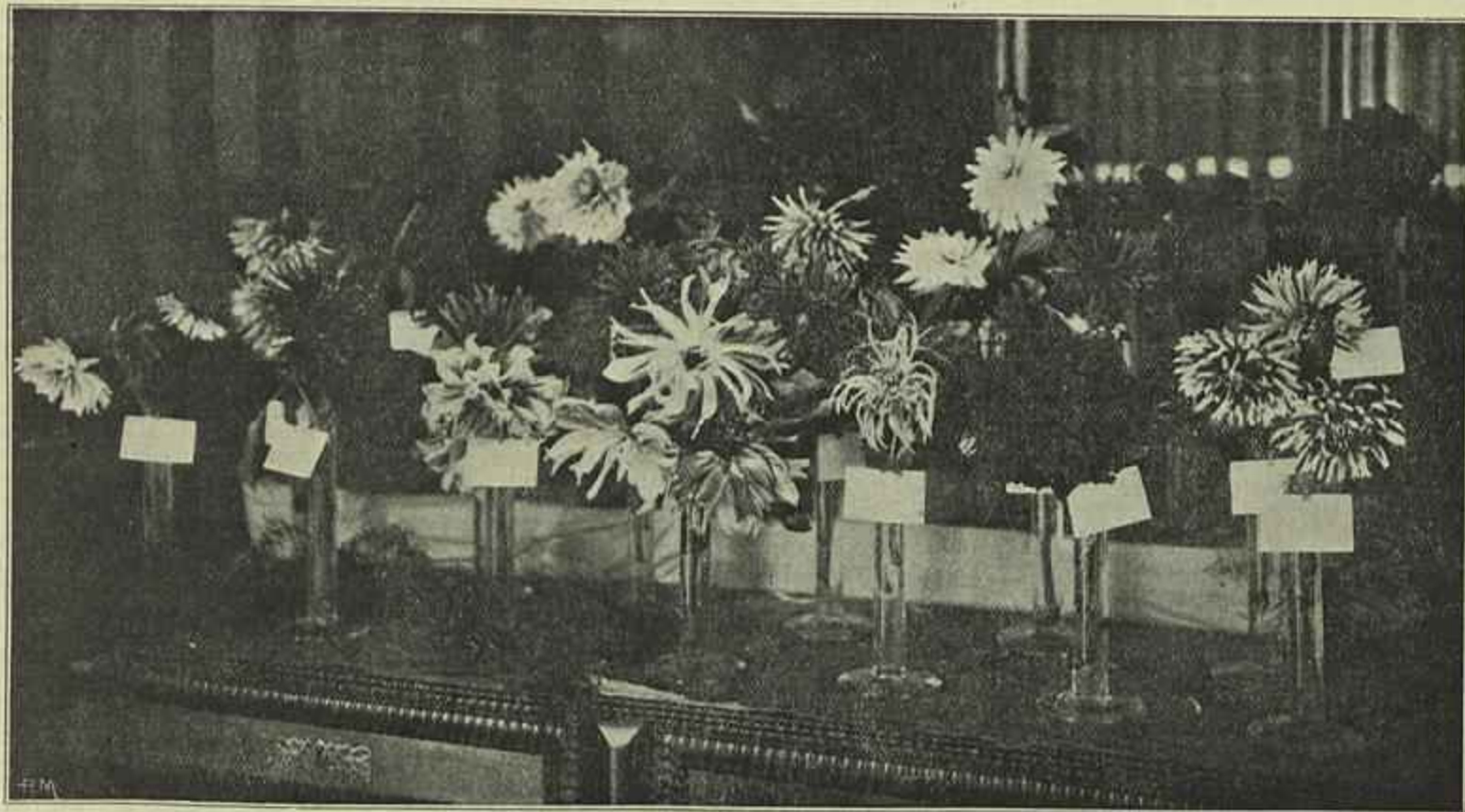
Falecido em 29 de Julho

taram as grandes fabricas com chaminés altas; constituiram sociedades anonyms e educaram caixeiros viajantes; fundaram bancos, casas de commissões e exportações, estabeleceram caminhos de ferro e tramways; subvencionaram largamente as companhias de navegação e utilizaram algumas de suas innumeras e murmurantes cascatas para funcionamento de turbinas.

A par d'essa enorme bagagem litteraria e historica nacional — de que Mutsu-Hito era apaixonado cultor, como prova a *Revue de Paris* de 1 de junho ultimo, que publicou alguns de seus versos, com a critica de Armand Kergaut — os



S. M. A NOVA IMPERATRIZ DO JAPÃO  
SADAKO



EXPOSIÇÃO DE DALIAS DA ESCOLA PRÁTICA DE HORTICULTURA DE QUELUZ

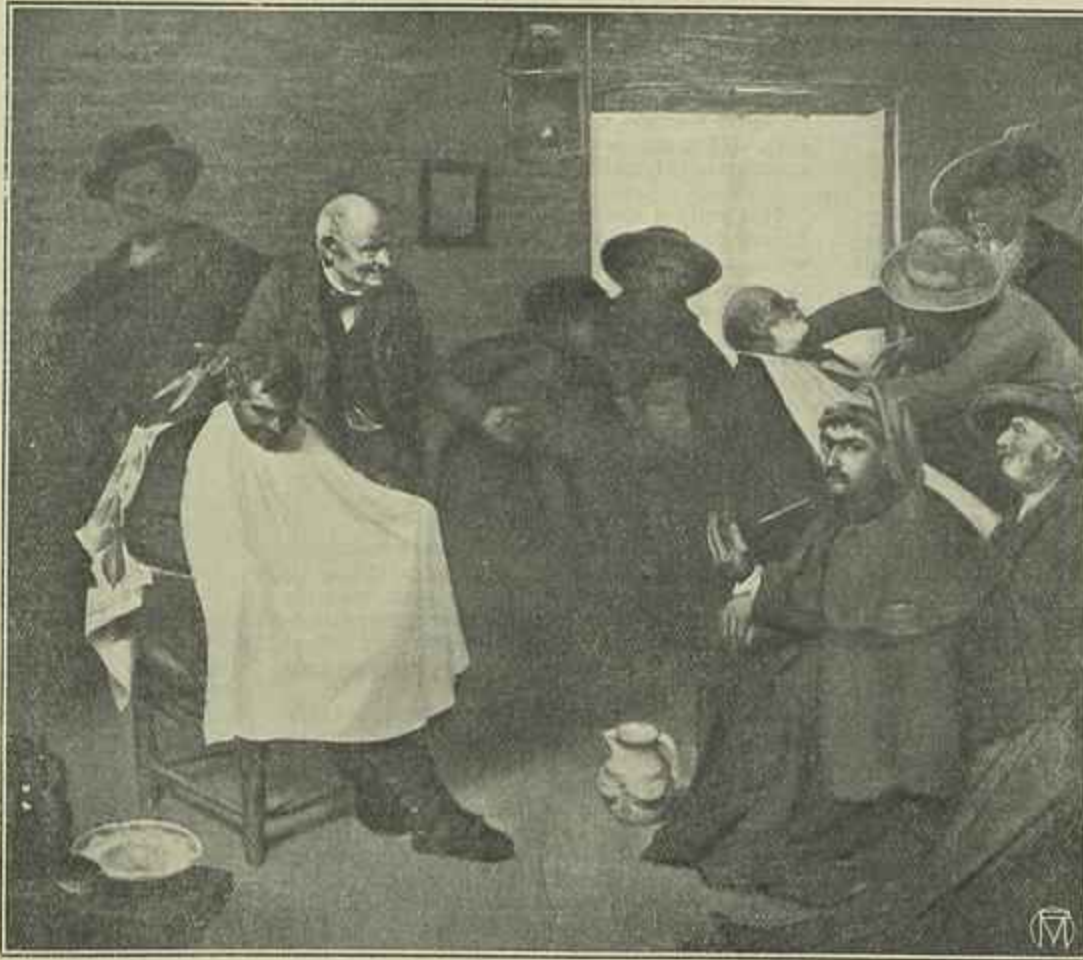
Nesta exposição, realisada nas salas da Associação Central da Agricultura Portuguesa, apresentou-se grande variedade de exemplares de Dalias e despedidas de verão, alguns de novas especies de lindo colorido e forma que surpreenderam o publico

(Cliché A. Lima)

mobilados á europeia, onde recebem os estrangeiros; mas, logo que se acham a sós, largam a incommoda sobrecasaca e envergam o tradicional kimono.

São d'um asseio inexcedível e conservam sua habitual cortezia ceremoniosa. Consideram a alegria como um dever social e, até nos momentos de maior dôr, mostram um semblante sorridente. Teem uma concepção muito particular acerca da familia e do casamento. O código civil não affectou a polygamia quasi universal nem a pratica abominavel que permite que um pae venda a filha!

Mutsu-Hito, o imperador fallecido, na noite de 29 para 30 de julho ultimo, era o 123.º descendente de Jimmu-Tenno, o divino conquistador, filho do deus Ysannami e bisneto de Amaterasu, deusa do Sol. Quando a imperatriz mãe falleceu, em janeiro de 1897, os coveiros, conforme o uso antigo, tiveram que se disfarçar em corvos,



LA BARBERIA DE LOS CONTRABANDISTAS (TYPOS PORTUGUÊSES EM BADAJOZ)

Quadro por Adelardo Covarsi

Premiado com 3.ª medalha na ultima Exposição de Belas-Artes de Madrid

porque é defeso aos mortaes verem os despojos d'um descendente da deusa do Sol. Diremos de passagem que *mi-kado* significa *porta nobre ou sublime*, e que este termo é usado apenas pelos occidentaes. Os japoneses, di lo Ludovic Nandau, quando falam do soberano dizem *Teushi Sama* (o filho do ceu) ou *Tenno Sama* (o rei do ceu).

A pessoa do imperador é pois um verdadeiro deus; por isso os medicos de Mutsu-Hito, querendo, em derradeiro esforço, applicar-lhe umas injeções sub cutaneas, tiveram que pedir autorização á imperatriz e ao principe herdeiro, porque essas injeções são contra a etiqueta e contra todas as tradições imperiaes. A menor beliscadura na pelle do soberano constitue um crime punido pela lei.

Dois photographos que tentaram tirar clichés com magnesio foram gravemente feridos á pedrada pela população indignada daquella falta de res-



CRUZEIRO GÓTICO DE LEÇA DE BAIÃO QUE FOI HA POUÇO MUTILADO VANDALICAMENTE

(Cliché Biel)



A CIGANA—Quadro de D. Adelaide Lima Cruz

peito. N'uma noite um dos subditos que velavam pelo soberano, suicidou-se, offerecendo a vida para a salvação do imperador!

Esta concepção da vida, que a nós nos parece ridícula, levou, no entanto, aquelle grande povo ao maior triumpho guerreiro dos tempos modernos.

#### O NOVO IMPERADOR

Chama-se Haru-no Miya *Yoshi Hito*, tem 33 annos (nasceu a 31 de agosto de 1879). É o terceiro filho de Mutsu-Hito, os dois irmãos mais velhos morreram. Foi officialmente proclamado príncipe herdeiro em 6 de setembro de 1889. Recebeu na *Escola dos nobres* uma educação perfeitamente moderna, occidental, sob a direcção de professores inglezes e americanos, identica em tudo á d'um príncipe europeu. A imperatriz reinante Haru-Ko, que não teve filhos, olhou com a maior solicitude pela sua educação, fazendo seu o filho de *Yanagivara Ai-Ko*, uma das cinco concubinas de Mutsu-Hito.

*Yoshi Hito* casou com a princesa *Sadako*, quarta filha do príncipe *Kujo*, a 10 de maio de 1900, de quem tem tres filhos. Foi o primeiro soberano do Japão que se familiarizou com seus futuros subditos, não só na escola, mas nos jogos e nas corridas de cavallos. É um espirito liberal e popular.

Passou alguns annos no exercito e na marinha, sendo major general e contra-almirante. Em 1907 fez uma viagem á Coréa.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.

### Adelardo Covarsi e o seu quadro «La barberia de los contrabandistas»

O illustre chronista da Exposição Madrilena em maio do corrente anno, é um pintor distincto e um escriptor de não menor merecimento.

Discipulo da Escola de Bellas Artes de Madrid d'onde se salientou, tem progredido dia a dia nos seus quadros que attestam um alto estudo de observação e de technica, e visto crescer o seu renome entre a pleiade já numerosa de pintores do paiz visinho, patria de grandes mestres como Velasquez e Murillo.

Com um acrisolado culto por todas as bellezas que a natureza prodigalisa, viaja frequentemente pela Europa, em missões de estudo que se impõe, sendo um fervoroso amigo do nosso paiz, que escolhe de preferencia e onde tem colhido motivos numerosos para os seus bellos quadros.

Critico de arte, é consciencioso e sincero nos conceitos, elegante e fluente na exposição como attesta o seu livro *Italia*, ha pouco publicado, onde elle descreve quanto de mais bello tem os museus e monumentos das principaes cidades d'aquella nação, archivo precioso das maiores joias artisticas, escola maravilhosa para todos os que se consagram ao culto do Bello.

Adelardo Covarsi tem exposto quadros em muitos certamens realisados, e nos melhores estabelecimentos das principaes capitales da Europa.

Ainda ha pouco a casa *Alcobia*, na rua Nova do Carmo, teve á venda dois quadros primorosos por elle pintados, e que eram a revelação plena das suas facultades de artista.

Moderado nos tons do colorido mas dando sempre os verdadeiros effeitos de luz, traceja com correcção exprimindo com minucia as attitudes e escolhendo sempre um conjuncto gracioso e atrahente.

Na exposição de Madrid em maio ultimo, apresentou elle um quadro intitulado *La barberia de los contrabandistas*, cuja gravura o OCCIDENTE hoje publica, e pelo qual foi premiado com a 3.<sup>a</sup> medalha o que foi uma distincção bastante elevada para o moço artista que já por varias vezes e em outras exposições tem sido galardoado com inteira justiça.

São do *Pai7*, jornal madrileno, as apreciações lisonjeiras que sobre o citado quadro em seguida transcrevemos:

«Es esta una gente que ya conocemos por las varias obras que en las dos ultimas Exposiciones nacionales hemos visto del joven y notable pintor extremeño sr. Covarsi, de las que recordamos — *Los contrabandistas* — *Los dos hermanos* — y *Escopeteros portugueses*, cuadros que llamaron poderosamente la atencion del publico y de la crítica, haciendo del autor una de las personali-

dades más recias de la pintura contemporanea española.

Adelardo Covarsi tiene dos terceras medallas en las Exposiciones de Bellas Artes de Madrid de 1908 y en la Internacional de Buenos Ayres de 1910, y acaba de publicar un interesantísimo libro de impresiones artisticas titulado *Italia* que acredita la originalidad de su temperamento.»

Nos artigos que o OCCIDENTE tem publicado ácerca da exposição de Madrid, os nossos artistas nacionaes que a ella concorreram, tem sido apreciados condignamente (o que nos honra sobremaneira), por um pintor illustrado e distincto.

A. COSTA.

### O Cruzeiro de Leça do Bailio

O falecido arquiologo Sousa Viterbo, referindo-se ao Cruzeiro de Leça do Bailio, diz ser um dos exemplares mais primorosos que existe no paiz.

De facto, no estilo gotico, nenhum é mais formoso, pela elegancia do seu todo e pela delicadesa do esculpido em pedra, em primorosos rendilhados, como filigrana

Pois não lhe valeu o representar o sublime martir crucificado, nem o ser uma bela obra de arte, para o respeitarem.

Quaesquer vandalos mutilaram ha pouco esta preciosa joia, que faz parte de um dos monumentos mais antigos e mais celebrenmente historicos de Portugal.

O mosteiro, como a Casa de Leça, é antiquissimo, pois já existia anterior ao seculo x e D. Sancho I a ampliou por 1212. Foi mosteiro e hospital da Ordem Militar de S. João de Jerusalem. Nele se hospedaram o fundador da monarquia D. Afonso Henriques e sua mulher D. Mafalda; o Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, a infanta D. Filipa, neta de D. João I, etc. Neste mosteiro casou D. Fernando I, com D. Leonor Teles, mulher de D. João Lourenço da Cunha, casamento escandaloso, mal visto pelo povo, e que por tal motivo o rei *Formoso*, o foi ali realisar, reaceando um levantamento. Por essa occasião se deu ali um conflito serio, quando D. Diniz, filho de D. Pedro o Cru e de D. Inez de Castro, se recusou beijar a mão á nova rainha, o que irritou o joven rei que correu sobre D. Diniz com um punhal e certamente o teria matado, se os fidalgos presentes não intervissem.

Mais havia que citar, se fóramos alongar esta breve noticia.

O mosteiro de Leça foi reedificado, em 1180, por D. Gualdino Paes de Marecos. Durante os tempos outras reedificações se fizeram até que nos fins do seculo xvi e principios do xvii, o bailio fr. Luis Alvares de Tavora procedeu a muitas obras no Paço, reedificando e ampliando as antigas.

A igreja é de tres naves com cinco arcos ao comprimento. Nas suas capellas estão sepulturas de illustres varões. Entre as coisas de maior valor artistico que tem, conta-se a pia baptismal, mandada fazer pelo bailio D. fr. João Coelho.

Este mesmo bailio é que mandou fazer o maravilhoso cruzeiro, que tantos seculos têm respeitado na acção destruidora do tempo, e que mãos barbaras agora mutilaram, quem sabe se por não o poderem destruir completamente.

Aqui fica noticia do atentado, e que o Conselho de Arte ou dos monumentos nacionaes, resolva providencias para restaurar, se fór possivel, ou pelo menos resguardar estas e outras preciosidades historicas e de arte, que, pelo visto, correm eminente perigo com esta onda devastadora do passado.

Aos tribunaes cumpre por sua parte aplicar todo o rigor da lei a estes delitos de lesa-patria.

### A Cigana

#### Quadro de D. Adelaide Lima Cruz

O assunto deste quadro tem sido largamente tratado pelos mestres da pintura espanhola e, no Museu de Arte Moderna de Madrid lá se vê o quadro de Mesquita, intitulado *Los Presos*, em que aparece a cigana, sendo uma das obras primas que ali se admiram.

Foi um desses tipos nomadas que tentou a paleta da sr.<sup>a</sup> D. Adelaide Lima Cruz, distincta dislipula de Malhõa e hoje uma artista, cujas obras do seu pincel tem sido apreciadas nas exposições da Sociedade Nacional de Belas-Artes.

Pela reprodução em gravura, que publicamos, se vê a correcção do derenho da figura típica que representa, assim como o bem estudado do traje caracteristico e de flagrante verdade.

Tanto quanto se pôde observar pela reprodução, a pintura mostra ser de boa tecnica, feita com certa larguêsa, que dá bom testemunho da escola em que a sr.<sup>a</sup> D. Adelaide Cruz estudou, acrescido dos dotes naturaes de artista que indubitavelmente afirma neste seu belo quadro.

Esta obra de arte portugueza seguiu, ha pouco, para o Rio de Janeiro, onde, a critica lhe fará a devida apreciação, que estamos seguro, será favoravel.

### Lourenço Marques

(Concluido do n.º 1209)

As condições actuaes não são desafogadas, é certo, mas tudo leva a crêr que melhorem. Os grandes *stocks* de material que havia em Lourenço Marques, esperando ordem de seguir para o Rand, deverão acabar em pouco tempo; e a exploração mineira é cada vez mais intensiva. É facto que a totalidade de mercadoria que entra no Transvaal, pelos portos da Africa do Sul, tem diminuido e em absoluto tem tambem diminuido para o nosso porto, mas relativamente tem augmentado a 50 % e mais: comtudo é preciso ter em vista, como disse, que se trata aqui de mercadoria pobre e que portanto deixa menos lucros á exploração do caminho de ferro.

Como é sabido, o porto de Lourenço Marques tem vivido no regimen de um *modus-vivendi*, feito depois da guerra anglo boer em que as vantagens que por elle nos fóram concedidas, ou antes mantidas, são largamente compensadas pelo auxilio de braços que Moçambique cede ao trabalho das minas.

Comtudo o grande mal estar dos portos sul-africanos traz como consequencia, a lucta de tarifas ferro-viarias, de interesse primario para Lourenço Marques. . . .

Devo dizer que o *modus-vivendi*, alludido na passagem precedente, era o diploma assignado em Lourenço Marques, em 18 de dezembro de 1901, substituido agora pela convenção de 1 d'abril do anno preterito, a que atrás fiz referencia no presente estudo de compilação.

Não quero apreciar, criticamente, a ultima convenção e o seu antecessor — *modus-vivendi* —; mas, não quero tambem privar os leitores de percorrerem com a vista o que ácerca d'elle está escripto, n'estas linhas insertas no folheto *A Supressão de «O Progresso de Lourenço Marques»*, o qual, não obstante poder enfermar de paixão politica tem comtudo alto sabor local visto ser datado de Lourenço Marques, em 29 d'abril de 1905:

«Assim, o *modus-vivendi*, que nós combatemos, foi uma das mais gloriosas campanhas de *O Progresso* porque ninguem encarou, como nós, o seu aspecto politico!

O sr. Gorrão vangloriava-se de ter obtido uma victoria diplomatica; os seus aulicos e a desorientada imprensa local festejavam igualmente essa pseudo victoria e nós a tudo isso opposemos o nosso *Modus-vivendi*, e em artigos e locaes subsequentes continuámos sustentando que eram grandes os nossos sacrificios em presença dos beneficios recebidos.»

A situação exacta de Lourenço Marques é em 25° 58' de latitude S. e 41° 35' de longitude E. do meridiano de Lisboa e na margem esquerda do rio Espírito Santo, con'orme já ficou indicado.

Tem sido o sonho de mais de uma potencia, incluindo n'este numero a antiga Republica do Transvaal, ao presente sob o dominio da vencedora Inglaterra.

Na historia de tal sonho figura um conflicto que no 13.º volume da *Historia Universal*, por Cesar Cantu, versão portugueza de Manuel Bernardes Branco, editorada em 2.ª edição, em 1879, por Francisco Arthur da Silva, se acha definido n'estes termos:

«Em 24 de junho de 1875 foi decidida em Versailles favoravelmente a questão que se ventilava

entre o governo portuguez e o inglez sobre a posse de Lourenço Marques, que de commum accordo escolheram para arbitro o general Mac-Mahon, presidente da republica franceza.

Na costa d'Africa, entre Natal e as possessões portuguezas de Moçambique, ha uma bahia na qual desaguam dois rios; chama-se a bahia da Lagoa. Desde 1505 que é couhecida dos portuguezes, porém foi só em 1544 que Lourenço Marques explorando as terras que rodeiavam a bahia, tomou posse d'ella em nome do seu soberano. Um fortim se edificou na margem do rio Lourenço Marques, que tinha tomado, assim como a bahia, o nome do navegador, e os regulos das populações indigenas entraram em relações com a colonia, prestando homenagem de fidelidade ao rei de Portugal. Os portuguezes estavam havia trescentos annos estabelecidos no paiz, alli tinham construido uma cidade, as cartas geographicas de todos os paizes mostravam a sua posse, quando, em 1822, um capitão inglez, chamado Owen, abordou com o seu navio a bahia, declarou aos portuguezes que vinha tomar posse d'ella em nome da Gran-Bretanha, e arvorou nos territorios de Catembe e de Maputo a bandeira ingleza.

O governador, vendo a feição que as coisas tomavam ameaçou Owen, que se fez de vela para de novo se apresentar á frente de dois navios. Apoderou-se de um navio inglez tomado por contrabando, e ancorando em frente do forte, declarou que o arrazaria se elle se não rendesse em 24 horas. Peraute a resoluta attitudo que os portuguezes tomaram, Owen renunciou aos seus projectos, porém arrancou a bandeira portugueza arvorada no territorio de Tembe.

Em seguida a estas violencias, o governo portuguez dirigiu-se ao governo inglez para ter uma satisfação pelos actos do capitão inglez. O Marquez de Palmella dirigiu uma nota a sir Jorge Canning: este respondeu ao encarregado de negocios de Portugal que os territorios de Tembe e de Maputo pertenciam á Inglaterra, por lhe terem sido concedidos pelos regulos. Respondeu o duque de Palmella estabelecendo em favor de Portugal os direitos de prioridade da descoberta, o reconhecimento durante trescentos annos pelos regulos, e o attestado da posse dada pelo simples exame das cartas geographicas de todos os paizes. Emfim, invocava o artigo 2.º do tratado de 1817, pelo qual a Inglaterra reconhecia a Portugal a soberania na costa oriental da Africa desde o cabo Delgado até á bahia de Lourenço Marques. Quanto ás cessões feitas pelos regulos e assignadas por elles, estava provado que as peças eram falsas e tinham sido fabricadas por Owen.

Lord Dudley, que substituiu sir Canning, respondeu á invocação do tratado de 1817, que o artigo em questão concedia a Portugal a soberania da costa oriental da Africa até á bahia de Lourenço Marques, mas *exclusivamente*, isto é, que a bahia não estava comprehendida no tratado. O encarregado de negocios de Portugal limitou-se a responder a esta allegação de uma evidente má fé, que remontando a tres seculos os estabelecimentos portuguezes na bahia, não era admissivel que esta não fosse comprehendida nas possessões portuguezas. Esta resposta terminou a discussão, e até 1861 nada mais houve sobre as pretensões da Inglaterra. Porém no fim de 30 annos a questão renasceu e foi a solução d'ella que se procurou escolhendo a arbitragem do presidente da Republica franceza, que felizmente reconheceu e confirmou o incontestavel direito de Portugal áquella possessão.

A similhante decisão de arbitragem, alludia o jornal de Paris, *Le Autorité*, quando, por occasião do *ultimatum* inglez, de janeiro de 1890, publicou um rtigo de que transcrevo um asserto restrictivo na propria lingua original, para lhe conservar o colorido typico e intraduzivel:

«Evidentemente, le bon droit est du côté du Portugal. Quand l'Angleterre lui disputa, il y a donze ans, la propriété de la baie de Delagoa, l'arbitrage du maréchal de Mac-Mahon donna absolument raison à Lisbonne.» (*Le Conflit Anglo-Portugais — Opinion de la Presse Parisienne, recueillie au jour le jour, du 15 décembre 1889 au 27 janvier 1890 par Eugène Emler, publiciste à Paris.*)

Lourenço Marques é, hoje, uma cidade adiantada, susceptivel de assumir, em prazo não muito remoto, um papel verdadeiramente preponderante e primacial.

Possue, além de um caes, já mencionado, uma dóca, boas avenidas como as denominadas Dom

Carlos e Aguiar, bellos palacios como o do Governo, observatorios, etc.

A proposito de observatorios, e relativamente ao official de marinha Hugo de Lacerda, apraz-me inserir, n'este logar, o seguinte paragrapho do relatorio da missão meteorologica e magnetica ao sul e leste da Africa, desempenhada em 1906 pelo major Francisco Affonso Chaves, director do serviço meteorologico dos Açores:

«**Lourenço Marques** — Aproveitando o importante material meteorologico que haja no Observatorio Astronomico (admittindo que brevemente se comprem os instrumentos que para elle indiquei serem necessarios), e sendo indispensavel a separação dos estudos meteorologicos dos astronomicos, dever-se-ha attender nesta separação a que a ideia de se fazerem estudos meteorologicos no Observatorio Astronomico de Lourenço Marques partiu do Sr. capitão-tenente Hugo de Lacerda, que, com intelligente e dedicado empenho, se tem esforçado para a realisação da sua ideia do estabelecimento de um rigoroso *serviço da hora* naquella cidade; e portanto, não deverá ser prejudicado por modo algum o funcionamento do mencionado Observatorio, com a organisação do serviço meteorologico.» (*Appendice, n.º 303 ao Diario do Governo, n.º 225, de 5 de outubro de 1909.*)

Eis a impressão causada pelo aspecto de Lourenço Marques em expedicionarios de 1895, contra o Gungunhana:

«Conduziu-nos uma lancha que atracou á ponte de ferro e madeira, por onde demos entrada na cidade, que logo, aos primeiros passos, nos surpreendeu pela belleza das suas ruas largas e bem alinhadas, ao longo da planicie.

Uma cidade nova.

A belleza, da maior parte das suas casas, a quantidade e boa apparencia dos estabelecimentos de commercio, os hoteis, os cafés com as suas camareiras, os candieiros da iluminação publica, as avenidas arborisadas, onde se faziam novas construcções, tudo me fez lembrar os modernos bairros de uma grande cidade, como a de Lisboa.» (*A Campanha d'Africa contada por um sargento — Empresa do «Occidente».*)

Ahi fica, mais ou menos retratada, uma localidade ultramarina, que podia e devia ser para a patria portugueza qual outra Bombaim para os inglezes.

Empório de tudo, lhe competia que fosse, na hora do seculo vinte, que vamos atravessando, e, entretanto, não é, infelizmente, assim, o registo authenticico dos factos occorrentes!

Nem até lá predomina, o nobre timbre nacional da lingua de Camões, o genio da epopeia, de Vieira, o orador do pulpito por excellencia, de Herculano, o sol da historia que elle traçou em letras de verdade, scintillantes como laminas de aço puro e perduraveis como o bronze!

Parece incrível que tenha havido gente, n'este solo formosissimo da Europa occidental, renitente aos primores da luz, que impelle á vida larga, ao trabalho honrado, e que prefira escuros labirintos de onde se sae ferido moralmente!

De mim para mim, considero espoliadoras todas as nações que invadiram e invadem os dominios de extranhos, impondo-lhes a lei da força; mas, acceitando o que se acha consummado no quadro positivo e inconfesso das realidades plenas, tambem capitulo de espoliadores dos povos as suprémas administrações publicas divorciadas dos logicos principios conducentes ao progresso geral, em que se revelam os paizes cujos homens de governo fóram e são, com effeito, Estadistas e não péssimos caixeiros de casas fallidas.

Ainda não chegou o dia, para Portugal, de lhe ser apresentado um plano completo de regimen colonial em que desapareçam de vez as constantes scenas macabras de danças e contradanças ministeriaes de governadores, e em que se fixem medidas sensatas de adaptação accommodada a cada provincia e a cada districto, sendo confiada, respectivamente, a sua immediata execução a pessoal idoneo, de competencia provada e de character escrupuloso.

Quem pensa, todavia, em taes cousas a valer, no meio de digladiações de parcialismo partidario, movidas por fermento ambição de individuos, por interesses inconfessaveis, por mera indução feminil?!

Assim perderemos Lourenço Marques, a autonomia, e a carne dessórada dos nossos corpos!

D. FRANCISCO DE NORONHA.

## Novidade Literaria

### A Cruz Misteriosa

Romance

Por Julio Rocha

Com o titulo acima sahio agora a publico um romance de Julio Rocha, de que nos foi oferecido um exemplar, com a dedicatória do autor, que muito agradecemos.

O nome de Julio Rocha é vantajosamente conhecido na literatura portugueza como autor de varios romances e como escritor dramatico, applaudidas as suas produções pelo publico.

Não vimos, pois, apresentar um novo que precise de reclamo para chamar a attenção do publico sobre a sua obra, mas simplesmente annunciar mais um trabalho seu, que não desmerece de outros que tem produzido e antes os sobreleva pelo bem urdido enredo e interesse dramatico que a sua leitura desperta.

*A Cruz Misteriosa*, cujo prologo é do distinto escritor francès Jules Gastine, é sob este prologo continuado por Julio Rocha, que desenvolve uma acção dramatica, de lances sensacionais e impressionantes, que prendem o leitor.

Levantando apenas um nadinha do veu deste romance, só diremos para aguçar a curiosidade do leitor, que o seu enredo se desenvolve sob a paixão amorosa do autor de um crime de falsificação, o qual se furta á acção da justiça, sendo o dito crime imputado a um pobre empregado de uma casa comercial, que se deixa condenar para salvar o verdadeiro criminoso, que é o filho de seu patrão, pedido-lhe que tome á sua conta e proteja uma filha que tem. O verdadeiro criminoso toma a efétivamente sob a sua protecção e chega a apaixonar-se por ela vindo por fim a dar-lhe a mão de esposo.

Basta, não desvendamos mais o romance no seu complicado enredo, porque perderia o interesse do leitor. O titulo, *A Cruz Misteriosa*, é de si bastante suggestivo para despertar o desejo de ler o romance, como o nome do autor é mais que sufficiente para garantir a bela obra literaria, que é sem duvida, digna de ser firmada pelo festejado escritor francès Gastine, autor do prologo o qual não teria duvida em ser autor tambem do romance.

O exito de livraria está assegurado a este livro, que confiadamente recomendamos a nossos leitores.

C. A.



## O MEZ METEOROLOGICO

Julho de 1912

*Barometro* — Max. altura 767<sup>mm</sup>.0 em 6.

» Min. altura 757<sup>mm</sup>.7 em 26.

*Temperatura* — Max. altura 26<sup>º</sup>.8 em 8.

» Min. altura 13<sup>º</sup>.5 em 6.

E' o mez de julho que apresenta uma temperatura maxima mais fraca, desde 1855. São raros os annos em que o termometro não excede 30<sup>º</sup> em julho.

Desde 1855 até hoje, os annos em que se tem produzido essa anomalia fóram:

Em 1868..... 27<sup>º</sup>.6      Em 1885... .. 29<sup>º</sup>.0

» 1875..... 29<sup>º</sup>.0      » 1888..... 29<sup>º</sup>.4

» 1880..... 28<sup>º</sup>.1      » 1904..... 29<sup>º</sup>.7

Se compararmos a maxima de julho deste anno com a do anno anterior (36<sup>º</sup>.5), vemos que a de 1912 é inferior, de 9<sup>º</sup>.7, á de 1911.

*Nebulosidade* — Ceu limpo ou pouco nublado 16 dias.

» Ceu nublado 12 dias.

» Ceu encoberto 3 dias.

*Chuva* — 9<sup>mm</sup>.6 em 5 dias.



O NOVO EDIFÍCIO DO «CHIADO TERRASSE», NA RUA ANTONIO MARIA CARDOSO, EM LISBOA

### O novo edificio do «Chiado Terrasse»

O cinematografo, essa invenção do nosso século, triunfa por toda a parte, constituindo o divertimento mais procurado pelo publico, de modo que nas principaes cidades do mundo contam-se hoje por milhares estas casas de espectáculo, que se estendem até ás aldeias.

Em Portugal, foi no Coliseu dos Recreios que apareceram as primeiras fitas, ahí por 1905, salvo erro, uma completa novidade em Lisboa, que maravilhou os espectadores.

Em pouco tempo o cinematografo espalhava-se pela cidade, exhibindo-se no Salão da Trindade e improvisando-se em varias casas, salões cinematograficos, que se fôram multiplicando rapidamente e chamando a concorrência do publico que lhe deu bom acolhimento.

No entanto Lisboa não tinha ainda um edificio expressamente construido para este genero de espectáculo, quando o sr. Sabino de Sousa Junior se abalançou a essa empreza, e, felizmente, com exito, pois conseguiu dotar a capital com mais um edificio extremamente elegante, tanto na sua apparencia exterior, como interna, de um salão vastissimo lindamente decorado a branco e ouro em relevos de estuque, estilo Luis XVI.

Profusamente iluminado a luz eléctrica, este salão respira uma alegria que dispõe bem o espectador, comodamente em suas cadeiras e fauteuils, tendo, ainda, ao fundo, uma galeria ou promenoir, tambem com commodos fauteuils, donde desafortadamente se gosa o espectáculo.

O arquiteto que delineou este bello edificio, o sr. Tertuliano de Lacerda Marques, deu mais uma prova dos seus conhecimentos tecnicos e bom gosto.

A sala comporta uns 900 espectadores, e o edificio, construido ao cimo do velho Chiado, á entrada da rua Antonio Maria Cardoso, está num dos melhores locais de Lisboa, onde se encontra maior numero de casas de espectáculo.

## Atelier Photo-Chimi-Graphico

P. MARINHO & C.<sup>ª</sup>

5, Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO, 1239

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

## CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



## CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

## NOVIDADE LITTERARIA

### A CRUZ MYSTERIOSA

Romance sensacional por Julio Rocha

A VENDA NAS PRINCIPAES LIVRARIAS

Deposito na livraria J. Rodrigues & C.<sup>ª</sup>, RUA AUREA, 186, 188, onde devem ser dirigidos todos os pedidos.

### CONTOS E DIGRESSÕES

por CAETANO ALBERTO

Um volume ilustrado de 224 paginas com linda cartanagem, completa novidade, 500 réis.

EMPRESA DO OCCIDENTE

## Onde todos devem comprar SAPATARIA PORTUGAL

DE A. Almeida e Costa

Rua dos Poiaes de S. Bento, 27 a 27-A — LISBOA

### CONTRA A TOSSE

MARQUE PEITORAL  
JAMES

Unico especifico contra tosses e brônchites legalmente auctorisado pelo Conselho de Saúde Publica, ensaiado e approved nos hospitaes. Premiado com Medallas d'Ouro em todas as exposições a que tem concorrido. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelo consul do Brazil. A' venda nas pharmacias. Pedro Franco & C.<sup>ª</sup>, Lisboa.

### Farinha Peitoral Ferruginosa

de Pedro Augusto Franco

Producto alimenticio que se applica em caldos peitoraes, com feliz exito. E' de todos os preparados farinaceos o mais efficax por conter substancias organicas e inorganicas que são de facil assimillação aos estomagos fracos e ainda os mais debéis. Pedidos á

Pharmacia Franco, Filhos

139, Belem, 149 — LISBOA

Cada pacote de 250 grammas. 200 réis

Cada lata " " " " 240 " "

A' venda em todas as pharmacias